

Editor responsável, ANTONIO PACHECO

Praça da Batalha, 115—PORTO

Lithographia União

T. de Cedofeita, 22—PORTO

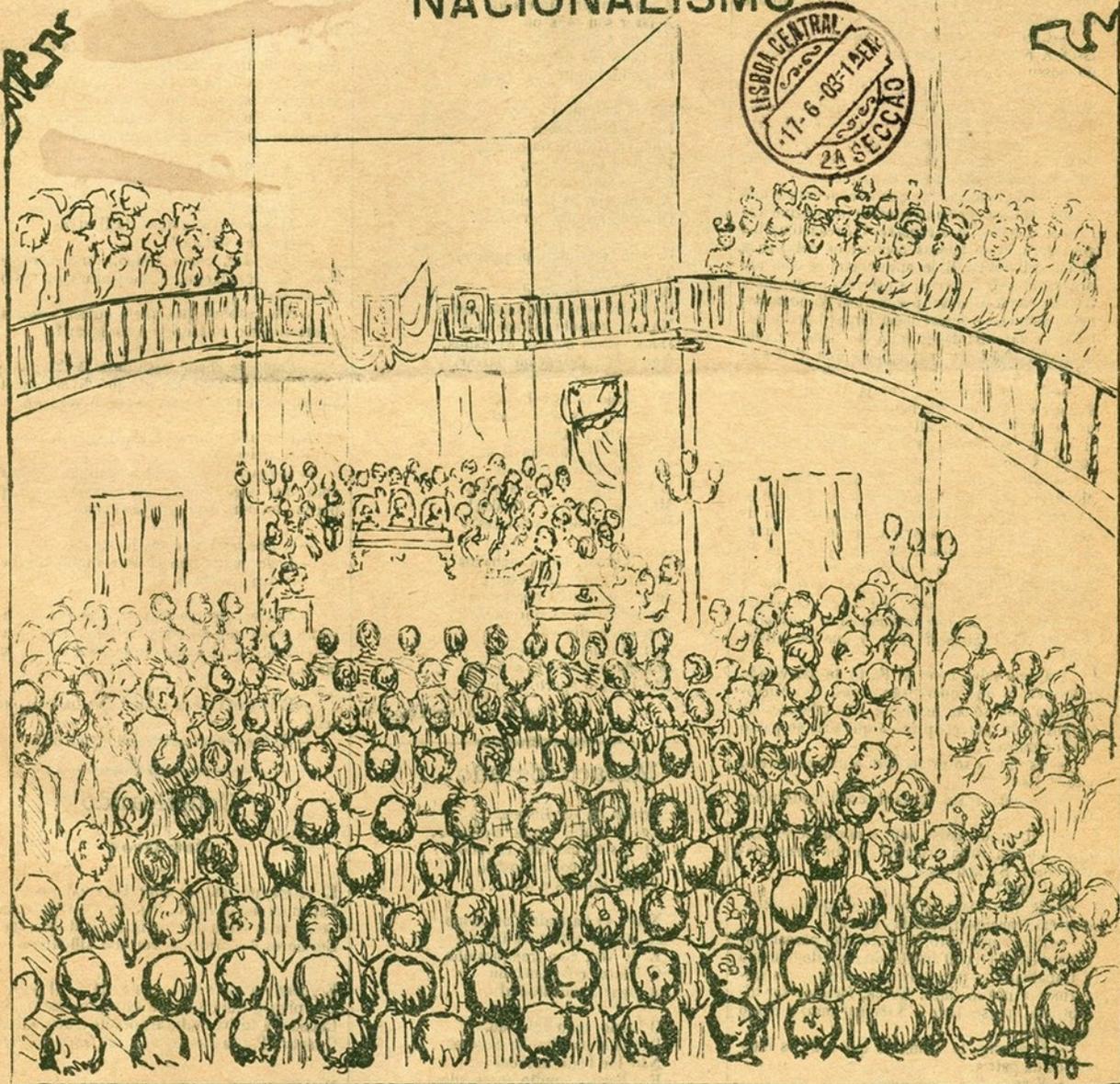
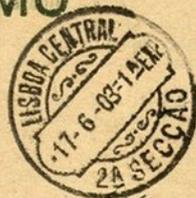
Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas

Pagamento adiantado

Anno 500 reis.—Avulso, 20 reis.

NACIONALISMO



Aspecto do grande salão da Associação Catholica do Porto, por ocasião do Congresso Nacionalista, nas noites de 1, 2 e 3 de junho.

Politica



QUE me dizes tu,—exclamava o illustre cidadão Polycarpo Banana para o seu amigo Simplicio Castanha —que me dizes tu ao Congresso Nacionalista?

—Que te hei de eu dizer, homem! Estou assombrado de que em pleno seculo XX os corvos da reacção possam bater as asas tão livremente na cidade liberal, que tem no seu seio a augusta reliquia do coração do rei soldado.

—Mas dizem que as reuniões estiveram imponentes. Os jornaes occuparam-se largamente do congresso, e até aquellos que lhe eram hostis deixavam transparecer nas entrelinhas que as sessões foram d'alto lá com ellas.

—Creio que assim fosse; mas que admira isso? A reacção tem ganhado immenso terreno no nosso pobre paiz.

—O que, porém, me admira é vêr que homens, que se diziam liberaes, estão concordando com as doutrinas d'esses corvos e affirmam que, se ellas fossem postas em pratica, o paiz sairia do becco sem saída em que se encontra. Não te parece isto muito extranhavel?

—Não, homem. O que isso denota é que o paiz está sobejamente convencido de que dos rotativos nada ha a esperar. Os reaccionarios até agora eram apenas conhecidos pelas suas ideias religiosas. Hoje apresentam-se com um programma de governo, e com um programma tal que causa espanto, porque não só no terreno economico e social tem largos horizontes, mas no das liberdades publicas nada deixam a desejar. Não era esse o juizo que d'elles se fazia...

—E' verdade, é; e até já vi em jornaes avançados que os catholicos se apresentam com um programma mais attraente do que os ablativos, apesar d'estes arrotarem liberdades por todos os poros.

—Sabes o que te digo? E' que os taes reaccionarios me vão agradando mais do que os liberaes. Apresentam-se francamente, sem lisongear o paço nem a praça, dizem o que querem, não fazem questão de que sejam elles ou outros que executem o seu programma, e confessam que olham mais a principios do que a homens. Isto seduz, palavra d'honra que seduz!

—Querem vêr que tu tambem te vaes alistar no Nacionalismo?! Era o que me faltava vêr!

—Quem sabe, homem! Farto de palavriado estou eu; o que quero são obras. E o Nacionalismo não só as promette, mas offerece-nos garantias de que cumprirá o que diz; ao passo que os outros...

—Os outros só promettem e não cumprem, não é isso?

—E' uma triste verdade, confirmada pelos factos.

—Sabes que mais? aqui á puridade te digo que tambem sinto pruridos de me tornar nacionalista. Se não fosse...

—O quê?

—Se não fosse ter receio de que me chamassem reaccionario, já lá estaria.

—Pois, meu caro, é necessario passar por cima d'essas teias d'aranha do respeito humano e trabalharmos para salvar a patria e nos salvarmos a nós mesmos. Eu cá, farto de ser ludibriado, passo para o Nacionalismo: é ponto resolvido.

—E eu sigo-te. Primeiro que tudo os interesses da patria.

—Viva o Nacionalismo!

—Viva!

E os dois separaram-se.

Como estes, quantos, se houvesse apostolos que se entregassem dedicadamente á propaganda do Nacionalismo?

Confraternisação

Era o Antonio Pitanças
Um poeta de zaz traz;
Andava sempre na dança
Na bôca das linguas más,
E não havia festações
Em que elle não compar'cesse,
Mettido na sua rica
Casaca de rabo atraz.

Educado n'alta escola
Com bastante affectação,
Parecia ter uma mola
A impellir-lhe a nivea mão
Para tirar a cartola
E na boca a obrigá-lo
A murmurar t'no, languido;
—«Licença, senhor, perdão!»

Tinha um defeito—coitado!—
(Todos os tempos, ôlé!):
Andar sempre atarefado,
A fazer seu rapa-pé
A toda a linda moçoila,
De faces côr de papoila
E d'olho muito engraçado.

Mas o Antonio Pitanças,
Um poeta de zaz-traz,
Andava sempre na dança,
Esperto, fino, sagaz,
O monoculo no olho,
A espanejar as janellas,
Olhando sempre p'ra traz.

E, com passinhos pequenos,
Todo calita e liró,
A casaca a dar, a dar...
Encontra sem mais nem menos
No seu caminho atranceados
Dous velhos burros, caçados,
Que o não deixavam passar.

Mas como ia embebido,
Pensando nos seus amores,
Abstracto, distrahi-do,
Pondo-se de muitas côres,
Em tom affavel, polido,
E afastando-os com a mão,
Murmura logo:— «Perdão!
Dão-me licença, senhores?»

E os burros, todos inchados
Com tal prova de respeito,
Julgam-se então obrigados
Ser gratos ao cumprimento!
Direitos a elle vão
E, inclinando a cabeça,
Com gesto pausado e lento
Dão-lhe um aperto de mão...

Nicolau-Tolo-em-Tino.

Macaco logrado...

Acabei de vêr Lisboa!...
Venho tonto! venho mudol...
Vi-a, sim! por um canudo...
E p'ra vêr coisa tão bôa
Vendi lunetas e tudol...

Não a vi ha mais d'um anno!
Já muitas saudades tinha,
E de vêr, com franquesinha,
O Hintze co'o Luciano
A jogar a panellinha!...

O Lucio, todo zangado,
Punha a panella em cavacos...
Não lhe fazia buracos...
E o Franco, muito apressado,
Ia-lhe apanhar os cacos!...

«Se assim vamos proseguindo,
Diz o Hintze, não é nada!...
Inda ha muita panellada!...»
—Diz-lhe o Lucio sorrindo:
«O' meu Hintze, dá cá a escada!»

Zê dos Nabaes.

Apontamentos para a historia

Um ministro do reino em cada legislatura publica quatro codigos administrativos aproximadamente, 79:642 decretos.—20.692:499 regulamentos.

Um ministro das obras publicas, no mesmo tempo, presenteia os amigos com 300 apeadeiros, contempla os districtos em que tem mais influencia politica com 400 estradas; cria para os galopins mais notaveis 600 empregos; faz 16:000 projectos!...

Um ministro da marinha, ainda no mesmo tempo, manda aos governadores do ultramar 419:639 officios, 19.667:947 telegrammas, e 49:000 vezes manda concertar os varios navios do Estado.

Um ministro da fazenda impõe 199.495:679 contribuições; tributa 400.529:699 objectos; faz 900.322:405 contractos; gasta 200.962:471 pennas.

Um ministro da guerra manda fazer 19.455:141 uniformes.

Um ministro do estrangeiro gasta em jantares diplomaticos 221.679:000.

N'isto se tornam notaveis, n'isto exercem a actividade os governantes da nação!

Para estes homens a sciencia de bem governar consiste em gastar perdulariamente!...

—Estás triste?

—Sim.

—Porque?

—Já perdi nas graças do Hint-Ze.

—Que lhe fizeste?

—Disse-lhe, como amigo, duas verdades.

Não lhe agradaram, e despediu-me, voltou-me as costas.

—Não sabias que quem quizer a amizade d'este homem só tem de o lisonjear?

—Como se chama esse passarão?

—Não sei; disseram-me que vivia duzentos annos, e comprei-o para ver se é verdade.

Apontando um revolver, disse o ladrão.

—A bolsa ou...

—Descarregue; vá, dê ao gatilho. Quem me dêra que algo quente me entrasse no corpo, porque ha dois dias que não como!

—A que hora se come n'esta casa?

—Logo que vocemecê sair; foram as ordens que me deu a senhora.

—Mulher que me deixou você aqui?—disse a creada que foi comprar leite. Isto é agua.

—Tenha paciencia, esqueci-me de lhe juntar leite.

—Esta carta pesa muito; ponha lhe outro sello.

—Se lhe ponho outro sello pesa mais.

Causticando

Rotativos

E' vê-los, por ahi, os bons dos rotativos... Falam da nossa Patria ingente e estremecida Como se o seu amor lhe houvera dado vida Em horas de tormenta, em dias afflictivos.

Erguendo a sua voz, impando já de altivos, Em phrase quixotesca e talvez nunca ouvida, Clamam á turba-multa ignorante e distrahida Quanto a Patria lhes deve... em feitos redivivos.

E assim vivem logrando emquanto o povo negro Mal tem para comer um pouco de pão negro, Uma cêda de pão bem caro e bem roubado!

E assim passam mentindo, ás claras, sem pudor, Pondo tudo em leilão, maisinando o valôr, E o brio d'este Povo intrepido e arrojado!

Colorau.

Os urinões de Braga

Refere gravemente o illustre correspondente de um illustrado jornal de Lisboa:

«O sr. ministro do reino approvou o orçamento, na importancia de 234\$000, para a construção de dois urinões de ferro para esta cidade (Braga) mandados fazer por iniciativa da Camara Municipal.»

Leitor ingenuo, que porventura sintas comichões de sorrir perante o picarésco d'este divertido caso: espera um pouco; suspende o teu juizo; faze o favor de prestar a tua esclarecida attenção, que eu te conto.

Se a tanto me ajudar o ingenho e a arte, a génese d'esta obra colossal—já vais ver que o é—e as peripecias varias que succederam até levar a bom termo a grande empresa dos urinões de Braga.

Certa manhã algum dos auctorisados próceres que compõem o grave senado bracarense, acordou mais cedo, com uma ideia nova a formigar lhe lá no cerebro; corre a manifestal-a aos collegas; ha reunião dos conspicios senadores, e o homem, depois de um longo arrazoado, entretido de considerandos e porquês, propõe «a construção de dois urinões.»

Os illustres varões acham boa a ideia; resolvem, no entanto, dormir sobre a proposta, antes de se abalancharem a uma resolução definitiva, não vá a precipitação gorar o projecto.

Na subsequente sessão, depois de terem dormido gravemente sobre o intricado caso, e de terem consultado sobre elle o travesseiro judicioso, deliberam definitivamente, e resolvem que é necessaria a construção de dois urinões.

E' logo nomeada uma commissão de engenheiros e pessoas entendidas no assumpto, para estudarem o caso e fazerem o respectivo orçamento.

Passados longos mezes de improbos trabalhos e profundos estudos, o *mons parturiens* tem á sua *délivrance*, e sae á luz, não o celebrado ratinho, mas sim um grandioso projecto, largamente justificado.

E' approvado em sessão extraordinaria da Camara Municipal.

E' depois enviado á Commissão Districtal—ou lá o que é—para approvação. Esta toca logo a capitulo, para reunião dos seus illustrados membros; é presente o projecto dos urinões; e, porque um d'aquelles auctorisados senhores soffre da dor de pedra, e porque outro padece da retenção das urinas, e sobretudo, porque a illustrada vereação—a *qua*—é da feição do governo, por cuja obra e graça foi eleita, passa incolume o projecto atravez dos mares tempestuosos de uma discussão acalorada, e é finalmente approvado.

No dia seguinte D. Thomaz prepara as malas, e parte á pressa para Lisboa; vai direitinho á porta do sr. ministro do reino, o qual fica muito surprehendido.

—Então por cá, amigo Thomaz?...

—E' verdade, senhor conselheiro.

—Que temos então por lá?

—Um negocio urgente...

—Carrapata nacionalista em Terras de Bouro?!... —pergunta sobresaltado o ministro.

—Nada, senhor conselheiro. Nacionalistas em Braga... em quanto eu lá estiver póde dormir socegado. E, dizendo e fazendo, vai acofiando gravemente os aristocraticos bigodes. E expõe miudamente o caso dos urinões de Braga.

—Mas diz-me cá, Thomaz: isso é negocio que possa render alguma coisa?

—Se rende! O menos, o menos (põe os olhos em alvo, e vai contando pelos dedos) o menos... 30 votos.

—Bem bem. N'esse caso leva este cartão ao Paçó, e' fala com elle.

E D. Thomaz segue em peregrinação para o ministerio das obras publicas.

Succedem-se no entretanto muitas e muito divertidas peripecias, cuja historia não vem para o caso; passa uma grande temporada, durante a qual D. Thomaz vai e vem sem descancço, conferenciando repetidas vezes com este e com aquelle, e telegraphando diariamente de Lisboa para Braga, ou vice-versa.

Nomeia-se, finalmente, uma commissão de engenheiros distinctos, para matutarem sobre o projecto, e dizerem o seu parecer. Passam mezes de novos estudos e trabalhos, ao cabo dos quaes sobe finalmente ás instancias superiores, devidamente informado e largamente justificado, o tal dito projecto dos urinões; as instancias superiores dormem ainda sobre elle uma somnêra de outros longos mezes.

Até, que um dia lá se recorda o sr. Hintze Ribeiro de que aquillo vale 30 votos. Interpõe então a sua valiosa influencia; puxa por uns cordelinhos mysteriosos de que elle tem o segredo, e d'ahi a tres dias o *Diario do Governo* concede a suspirada auctorisação para a «construção de dois urinões de ferro.»

Os moradores felizes de Braga fiel respiraram alfim. Estavam livres dos perigos proveis de possiveis dôres de pedra ou retenção de urinas.

E agora podes rir á vontade, amigo leitor. Mas lembra-te de que os urinões de Braga são um symbolo:—E' assim que se administra em Portugal.

Imagina tu então o que se haverá passado com o projecto do abastecimento de aguas n'aquella cidade, o qual projecto tem andado em gestação no desvelado ventre patriótico das vereações que se tem succedido em Braga durante tres gerações successivas, e até hoje... nem uns leves indicios de parto proximo!

E imagina tambem o que terá succedido com a estrada de Braga a Chaves—a mais famigerada bandeirôla eleitoral de que ha memoria, e com o prometido esquadrão de cavallaria, que ha annos e annos lá está sempre a chegar... pela tal estrada de Chaves a Braga; e com uma celeberrima eleição da meza do Bom Jesus, que é a mais gloriosa façanha eleicoeira do sr. Visconde da Torre!...

Imagina, leitor!.....

Argus.

Carta

(De um dos compositoras do «Petardo» em resposta a outra, em que Joel Barsaba se queixava aos *typographos* d'este jornal, por lhe terem metamorphoseado estes seus dois versos—«*andam-lhe os ossos*» e «*lume activo do dia*» e lhes pedia a rectificação.)

Olha, meu caro Joel, isto de gralhas é grande espiga, espiga das mais velhas; faz na paciencia dos auctores falhas e a nós inda peor: põe-nos em grelhas.

Noite e dia, lidamos, como abelhas, para grangear bem tristes virtualhas. Perde-se a vista, queimam-se as guedelhas... Letra ha que a não decifram cem cangalhas!

E, inda depois, nos põem a fama em 'stilhaes se, ás vezes, vão alguns erros nas folhas, erros que são como em palheiro agulhas!

'Sereve melhor, que emendas não as pilhas nem talvez mais respostas de nós colhas em *althas, elhas, ilhas, othas, ulhas*.

Em resposta

Resposta assim não era do contracto, mas d'ella sei do vosso gosto o objecto: Lingoados só quereis dentro do prato, Longe os que vem do recurvado espeto.

Comvosco não me afflijo nem me mato e á vossa teima acquiescer prometto; mesmo porque, aliás seria um facto o ser peor a emenda que o soneto...

Por isso contra vós nunca mais grito, inda que alguém, de ingenuo ou de marôto da minha musa aleije o bello fructo.

E, para terminar, deixo-te dicto: Talvez te escreva... com mais firme côto em *ato*, em *eto*, em *ito*, em *oto*, em *uto*.

Joel Barsaba.

Apologo

N'um campo alegre e formoso
A' beira do mar plantado,
Luctava um rancho formoso
Contra um burro alli deitado.

Eram sete cães valentes
Qual d'elles mais arrogante,
Mettendo ferozes dentes
No pobre do rocinante.

Este, já quasi sem vida
E sem forças p'ra luctar,
Com a espinhella cahida
Nem já podia zurrar.

O olhar amortecido
E descahida a barbellã,
Deu um zurro enternecido
E esticou a canella.

Então é que a canzoada
N'um pandemonium cruel,
Dava dura ferroada
No miseravel corcel!

Um as patas lhe arrancava
Engolindo-as d'um só trago;
E os lombos lhe levava
Para a estancia de Vidago.

Um *bull-dog* rafeiro
Que o nome dizer escuso,
Levou o quarto trazeiro
Para refrescar no Luso.

Um nutrido canzarrão
Levou dentro d'uma taça,
O cerebro e o coração
Para comer no Nyassa.

Outro ladrador graudo
Que tambem era do côio,
Ateimava em comer tudo
E banhar-se n'um arroio.

Outro cão de nome Abel
Farto de muito comer,
Ferrou os dentes na pelle
E queria a pelle roer!...

Outro cão de pello branco,
Nada vendo que trincar,
Poz se a ladrar muito franco
E nos outros a ferrar.

A matilha atrapalhada
Com este novo motivo,
Mostra a dentuça esfaimada
Em sentido rotativo.

E com grande espalhafato
Sempre a matilha a ladrar,
Faz enorme desacato,
Mas sem a ração largar...

Oh que banzé furibundo!
Que bulha piramidall!
Mais parecia o fim do mundo
Em desordem infernall!...

Quando a lucta era mais forte
E havia mais esturro,
Apparece lá do norte
O proprio dono do burro.

Vendo tanta altercação
Este homem d'aspecto mau,
Não quiz saber da questão
Correu a matilha a pau.

Thomé Thomaz.

NACIONALISMO



Conclusões tiradas das sessões do Congresso Nacionalista:

Na doutrina do seu programma está a robustez moral do partido; a força que aos rotativos falta e o povo com boas disposições para trabalhar pela causa que tem por lema—Deus e Patria.

MIZERIA E CARIDADE



O Nacionalismo ao celebrar a ultima sessão do seu Congresso, desce com a Caridade ás escuras da Mizeria, levando-lhe as flores das almas christãs, que são o obulo santo que consola e vivifica, ao contrario da philantropia que humilha e avilta.

Petardetes de Lisboa

E' esperada em Cascaes a sr.^a D. Roleta.

—Ora finalmente—*tandem* *aliquando*—os porteiros de S. Bento vão trancar as portas do que deixou de ser mosteiro para ser o solar dos barrigas. O paiz fica assim livre do terrivel mal de camaras, que este anno se lhe prolongou muito alem das praxes parlamentares; mas por isso mesmo, desgraçadamente, será mais curto o intervalo em que o ministerio obrará sem camaras.

—Os populares e regateiras festejos de S. Antonio nos mercados de Lisboa estiveram animados com o desusado concurso dos paes da patria provincianos. Um d'estes, na praça da Figueira, disse para outro: «Isto aqui está melhor do que no mercado de S. Bento!» Para evitar equívocos aos leitores que não conhecem Lisboa, tenho a honra de lhes notar que na rua de S. Bento tambem ha um mercado, junto e *mistico* ao edificio das chamadas *córtes*.

—O partido regenerador liberal, mal apenas teve noticia offic'al em carta circular do seu opulento chefe, que no Congresso Nacionalista do Porto uma collecta para matar a fome a muitos operarios produzira mais de quinhentos e setenta mil reis, deliberou que o mesmissimo opulento chefe do liberal partido puxasse pelos cordões á bolsa e mandasse ao menos quinhentos e setenta reis aos famintos... não do operariado, mas do proprio partido regenerador liberalissimo. Os ditos famintos esperam receber tres reis por cabeça, quando tiverem largado a casca. Grande alma botou a Beira Baixa no corpo do nosso rico João!

—Vae abrir-se já já em Torres Novas uma adegas, onde um tonel posto ao alto servirá de tribuna parlamentar ao sempre facundo general Bar-Racho todo o tempo que o palatrio de S. Bento estiver fechado.

—Os pedreiros livres do Gr.^o Or.^o de Portugal vão substituir o classico ramo de acacia por pêsinhos de alecrim.

E Furo?

Ora, como os senhores illustrissimos têm visto e provado, os cosinhados que o confrade Zarco lhes condimenta são intoleravelmente inspidos.

Nem o tempêro do «carneiro com batatas», com que o salgado Thomé Thomaz brindou este seu creado, lhe fez rebentar uns gãosinhos de laracha, na veia petardista.

Mas esperem.

Vão saborear um naco delicioso de prosa nascida allí adeante, na linda Horta agoreana embalada pelo Atlantico. Um meu amigo ilheo manda-me em galante brochura este eximio trecho realista:

«E furo?»

João magôa-se cada vez que deposita em mim, providente e contemplativo, as novas edições do esbanjamento nacional, faltas de seriedade, de miolos, etc.—como se taes *casos* não constituíssem, n'este paiz, o pão espirital de essa gente. Não deixa de frizar, o meu nobre amigo, o seguinte ponto grave: Que os que *comem* são em numero menor aos que pagam.

Não diz novidade.

Sobe o panno.

—Veja você: Se o paiz se não salva d'esta vez, endireitando-se em cernelha e em credito á face de os nossos crédores (João refere-se ao novo apêto de parafuso sobre a pequena propriedade)—não sei, francamente, que esperam elles para a salvação. (*Sensação*) A India não nos fornece hoje dez reis de canella: o Brazil foi explorado já, como se desejava, por nossos avós cahidos, os quaes avós foram os primeiros a dar-lhe a independencia: a Africa não se sabe a quem pertence... não nos tem dado mais que desgostos, seringações, e pachás uma vez por outra...

—E algum rinocerante para o Zoologico...

—De accordo. Mas veja você: tudo se en-

guli. Tudo o que deram aquellas tres partes do mundo, em barras de ouro, em arroz e em rinocerantes—tudo coube n'aquelle estomago portuguez que está ali na margem do Tejo.

Tome você mais: o dinheiro das ordens religiosas, a alienação das alfandegas e dos caminhos de ferro:

Vá sommando: os empréstimos contraídos no estrangeiro, que são de arrasar uma consciencia...

Salte para outra pagina: o augmento de contribuição nos ultimos vinte annos, o imposto do sello, etc., etc.

Você somnou?

—Está somnado tudo. Reduzido a libras sterlinas, dá o carregamento de 1:500 vapores de 11:000 toneladas cada um! Arre!

—Bem. Diga-me agora você, se faz favor: como se gastou esse carregamento de libras?

—*Gastar* é um verbo: *eu gasto, tu gastas, elle gasta*... E' da primeira conjugação, precisamente a que mais se observa na freguezia, que é do Minho ao Algarve. Assim, que diabo quer o João que se lhe faça?!»

E enquanto eu saboreava esta peça anatomica, em que o escarpello se enterra em podridão apenas, porque o organismo enfermo está gangrenado quasi todo, alli fóra, na praça, cantam as raparigas:

Para travar esta orgia
á raça de goliardos
é-nos preciso hoje em dia
mais d'um milhar de Petardos.

Tristão Zarco.

Pilhéria antiga

Uma nesga de veridica historica de Pedro de Malas Artes

A senhora Miraguarda, em Evora, no bairro de Cugullos tinha um forno, cujas poias lhe ajudavam a grangear a vida, servindo seu creado Pedro de Malas Artes de ir buscar a chamiça e mais lenha necessaria. Acudia muita gente a coser o pão com Miraguarda, onde continuava uma gallega, que morava na rua que se chama dos Gallegos.

D'esta gallega se agradou Pedro de Malas Artes, e concertando-se o casamento, começaram os paes da gallega de se apparelharem para a festa da boda. Mandando uma vez Miraguarda a Pedro que fosse visitar sua esposa, elle foi; e entrando pela porta dentro, arremessou-se a uma pouca de carne assada e se acolheu pela porta fora. Vindo para casa, contou o que fizera de que Miraguarda o reprehendeu, dizendo que havia de entrar muito alegre e tirar a capa, convidando a todos que bailassem. Tornou-o a mandar no dia seguinte; e entrando elle pela porta dos gallegos, estava no meio da casa um tio da desposada, irmão do sogro, amortalhado, que o tinham morto d'uma estocada: porem Pedro, tirando a capa, começou de bailar, dizendo que viessem adufes, pandeiros; o que vendo o sogro, o lançou pela porta fora, com algumas pancadas. E vindo-se queixando para casa, Miraguarda lhe disse que não fizera bem, porque devia entrar muito triste e choroso e lançar-se sobre o corpo morto, rogando mil pragas a quem o matara. Tornando-o a mandar outro dia, entrou elle por ca-a do sogro que tinha acabado de chamuscar um porco, e lançando-se sobre elle com muitos gritos e soluços, começou a dizer pragas e injurias sobre quem executara aquella morte. O sogro lançou-o pela porta fora com outras pancadas. E vindo elle para o forno contou o que tinha succedido.

Miraguarda lhe disse que errara, porque havia de dar uma palmada no porco e dizer a seu sogro: Muitos d'estes cada anno em vossa casa.

Tornando ao outro dia, achou um cavallo do sogro, morto, e querendo o este mandar ao monturo, Pedro lh' deu uma palmada na anca, dizendo: Muitos assim tenhaes cada anno em vossa casa. O sogro se agastou. convidando-o como das outras vezes.

(Continúa.)

Echos Scalabitanos

Tambem n'esta cidade, os estudantes sympathisaram com as medidas adoptadas pelo apostata Combes na expulsão das ordens religiosas. No entanto não imitarão os seus collegas do Porto, isto é, não lhe enviarão felicitações, porque isso já é coisa velha, mas sim tencionam erigir-lhe no Campo Sá de Bandeira nada menos do que uma estatua de sebo de Hollanda!!

Ainda não está designado o dia da manifestação, mas já se sabe ao certo que haverá illuminação ás escuras, musicas que não se hão de ouvir, poesias recitadas pelos varredores da camara, que se farão acompanhar dos respectivos tinteiros e pennas, fog d'artificio na caserna de caçadores 6, etc., etc., etc...

Emfim será uma festa que deixará agradaveis impressões nos individuos que não se dignarem comparecer. Os bohemios João-da-flauta e Péra-anna farão as delicias da festa, aquelle tocando no seu inseparavel instrumento (flauta), este recitando lóas allusivas ao acto, procurando imitar o Rei da Madureza, de saudavel memoria.

—Quando ultimamente o theatro Rosa Damasceno se representava uma tragedia em 5 actos, precedida de um pequeno prologo elucidativo; ao terminar este, um dos espectadores volta-se indignado para o seu visinho e exclama:

«Ora bolas, lá se vae o 1.^o acto...!»

Claro está que a gargalhada foi geral.

—Por occasião do recenseamento eleitoral, o regedor da freguezia de X... homem mui versado em tudo que cheira a regedoria e mais artes correlativas, a pedido de um eleitor, passou o seguinte attestado, indicio bem frisante da sua vasta cultura intellectual:

«Attesto e juro, por alma da minha mulher que Deus tenha em sua santa guarda, se tanto fôr preciso, que o sr. Francisco Peres, ferrador meu e do mais restante cuncho, é o mesmo homem, que veio apresentar-se á presença da minha respectiva pessoa, pr'a eu conhecer n'elle o mémo sujeito que queria votar nas inleições dos diputados, E por ser verdade e ser pedido por favor paço este que o mé compadre Zé das Oleiras assina por mim, por eu não saber pegar na penna

a) Manuel d'Amora.

—No tribunal d'esta comarca:

O juiz: Desgraçado, arriscar a honra, a liberdade, o futuro para roubar tres miseraveis tostões da gaveta do balcão.

O reu muito lacrimoso e muito arrependido—Tem razão, sr. juiz; lá isso é verdade, mas que quer, se lá não havia mais a que eu pedesse lançar a mão?

—A firma Pescoco & Comp.^a apresentou *in illo tempore* queixa em juizo contra José Bonifacio, da freguezia do Salvador, por este ter partido um vaso de porcelana, (estyllo D. Pedro) que aquelles cavalheiros tinham na vitrine de seus estabelecimentos.

O pobre homem foi agora chamado a prestar contas do seu atrevimento, sendo condemnado nas custas e sellos do processo e na indemnisação do mal causado, no valor de 120 reis (tal era o custo do vaso). Bem haja a justiça da nossa terra que tão bem sabe punir os demolidores dos moveis alheios. O caso, que a principio foi bastante commentado, agora não o tem sido menos. A firma Pescoco está pois devidamente reparada! André Mazorro.

Folklore

Senhor Antonio da ronda,
Senhor Francisco aguazil,
Qu'brae os dentes ás pulgas,
Que me não deixam dormir.

Ai lari lari ló ló!
Ai lari ló ló Cartaxo!
Uma pulga deu-me um coice,
Deitou-me da cama abaixo.

Duas coisas em Lisboa
Me causam admiração:
Os pretos caiam as casas,
Os brancos vendem carvão.

Recordação de uma feliz hora!

Quem me houvera de dizer, que ainda hoje me havia de regressar á lembrança do defunto macarrão com carne assada á moda d'America, que já ha tres bem compridos annos manduquei n'uma baiuca açoriana?!

Feliz hora! em que se repercutiu no meu pavilhão ouvidaceo o badalejar argentino do monstruoso chocalho que me chamava ao aposto do fumegante macarrão de ha tres annos!...

Feliz hora! em que pela mansa bahia entrava a famosa esquadra de Vasco da Gama conduzindo a seu bordo os visitantes regios!...

Feliz hora! em que se ouvia o ribombo do canhão misturar-se com gunchinhos de estalo que os *renegadores* accendiam com a ponta dos fafanhosos *havanos*!...

Passado que foi um minuto da *feliz hora*, já o vacuo da caverna abdominal estava occupado pelas appetitosas lombrigas macarrônicas que por entre as lagens de carne assada mexiam e remexiam-se procurando esconderijo á revolução que cá fóra pouco a pouco crescia.

Se á pressa metti a bordo o opiparo pitéo, mais á pressa dei ás canellas para o caes para ver desembarcar *SS. MM.* que por mares nunca navegados aqui aboraram.

Mas qual não foi a minha admiração, quando na malta deparei com o nosso conhecido papá *Hint-Ze* que (*coitadinho!*) com cara de tres sustentidos e meio trazia o encaracolado bigode tão aceiado do terrivel enjão que bem se podia comparar aos cthurnos de um aldeão em dia de chuvoso inverno?!... O papá *Hint-Ze* tinha soffrido muito... e se hoje vae em via de restabelecimento, deve tudo isso ao bom effeito dos xaropes petardescos, que lhes foram enviadas a tempo.

De grande sympathia gosou emquanto por aqui esteve; pena foi não ter querido ajuntar um *viva* que um careca lhe levantou quando passava pelo hospital dos *b... lazarentos!* Quando d'aqui saiu chorou tanto que as lagrimas pareciam cabeças. Prometteu muitas cousas aos cam... peões da liberdade: caminhos de ferro, luz electrica, telegraphia sem fio, etc, etc; mas até hoje ainda não vi n'esta *urbs* senão o macarrão sellado!...

Provera Hercules que o papá *Hint-Ze* também fosse sellado para experimentar com se come cevada sem juró n'esta hora, em que no *Petardo* se arranjam as ventosas pedidas para os pontadas pungentes que atormentam o nosso querido papá *Hint-Ze*.

Espanta-Cacetes.

Correio da casa

Calixto—Pois, caro Calixto, achamos muito justo o teu enthusiasmo pelo congresso nacionalista do Porto, que realmente esteve obra de se lhe fazer tres barretadas; mas julgamos descabido que tu manifestes esse enthusiasmo em versos côxos. Se fosse em prosa mais ou menos correctea, vá que não vá, com quinhentos macacos; mas n'aquelles versos, uns de nove patas, outros de onze, e raros, só por excepção, de dez, é de fazer perder a paciencia a um santo. Reveste-te tu d'ella e resigna-te a vêr o parto teu querido ir dormir o somno eterno para o barril do lixo.

Anthero—Será attendido, cavalheiro. N'este numero não pôde ser, porque temos de remissa bastantes charadas; mas para o outro, se fór possivel, entrará a produção litteraria do portentoso cerebro do nosso querido *Anthero*, a quem não temos a honra de conhecer, porque a sua assignatura só o diabo é capaz de a comprehender.

Ha certa gente que tem uma calligraphia rasoavel, mas ao assignar o nome faz umas garatujas que só quem está em graça de Deus poderá decifrar. O *Anthero* não nos saberá dizer a razão d'esta maluqueira?

Ricocó—Ricocó (terá s. ex.^a sido o herdeiro dos dois gatinhos pardos da nossa avó, um dos quaes dava por aquelle lindo nome?) diz-nos que quer *O Petardo* mais politico e menos litterario, porque acha preferivel que se criem homens d'acção a que se fomenta a bolha da litteratice em certos jovens que acabam de sair dos cueiros das escolas superiores.

Valha-o Deus, *Ricocó!* *O Petardo* é amphibio: ora mette o focinho no mar da politica, ora o arrasta e coça pela terra da litteratura. E' consoante o engenho e a arte lh'o aconselham. Isto posto, n'ó *Petardo* ha verde para todos os paladares, e incitamentos para todas as bolhas. Os politicos lá tem a sua raçõesinha; os litteratelhos também encontram a sua porção de cevada para alimentar o vicio.

Acha pouco o *Ricocó*? Nós bem sabemos o que o nosso querido quer: é que carreguemos um pouco mais na pimenta politica e allivemos algo o sal da litteratice. Mas não pôde ser, *Ricocó*, porque é mais facil encontrar quem esteja disposto a perpetrar negros crimes em litteratura, do que deparar maduros que se atirem á politica como Sant'ago aos moiros.

Vá-se, pois, contentando com o que ha, amigo *Ricocó*.

Cartaxo—Ter-te-ia subido o teu pseudonymo á cabeça quando cravaste o punhal no coração do Fervilha,—queremos dizer quando pegaste na penna e escreveste o teu—*Doido!* *doido!*?

Se elle é doido, que tens tu com isso? O proveito é d'elle. E se é doido, mais doido és tu em te metteres com elle.

Pois se tu tens liberdade de comer, de falar, d'escrever, de dormir, de caçar moscas e de formar um partido novo para salvar o paiz, porque queres negar esse direito ao Fervilha? Has de concordar que tens a bola desarranjada. E ainda se tu lhe negasses esses direitos em prosa com uns pôsitos de sal attico, terias alguma desculpa; mas em linguagem ensoada, deslavada, rachitica, sem um arrote a postas de pescada, é caso para pedir a Deus que te brinde com nevralgias faciaes—duas por semana, ao menos—em castigo da tua intolerancia.

Antoninho da capa rota—Este Antonio, que tem um nome maior do que a propriedade, quer que *O Petardo* publique em todos os numeros um mote em dois versos, convidando os collaboradores poeticos a responder no numero seguinte a esse mote, em decimas.

O *Antoninho da capa rota* teve uma excellente ideia, que é mais velha do que a Sé de Braga, porque, antes d'ella ser fundada, já os nossos menestreis iam para os abbadessados pedir motes á sr.^a Madre abbadessa, e alli mesmo, com a facilidade com que se bebe um calix de bom vinho do Porto, lhe atiravam ao rosto com oitavas e decimas em resposta. Mas, quanto a ideia não seja má, não faremos a vontade ao *Antoninho*, porque... Queira o *Antoninho* ir conversar um pouco sobre o assumpto com o *Ricocó*.

Jaleca—Este amigo escreve-nos um artigo, no qual começa por perguntar:—*Cae ou não cae?*

Os anjinhos que lhe respondam, porque nós não o sabemos nem estamos para o aturar.

N. B.—A pergunta do *Jaleca* allude ao governo. Quer elle saber se o amigo *Hint-Ze* e mais socios se põem brevemente ao fresco do poleiro para subir o *Zé Luci-Ano*. Ora nós, que conhecemos os dois como trastes que não merecem que lhes demos cinco reis d'importancia, não estamos resolvidos a responder á pergunta do *Jaleca*. Que vá fazer a dita ao Arroyo, que esse é quem sabe da pòda.

Santa Rita—Oh filho, tu és o Santa Rita do *Bezerra d'Oiro* e o boquinha de prato do parlamento? Se és, dize-o lealmente, para que não comamos gato por lebre. Se és o Santa Rita do *Bezerra*, a tua balada será publicada, em attenção aos teus merecimentos passados; se, pelo contrario, és um Santa Rita falsificado, caro amigo, a tua produção vae ser espalhada aos quatro ventos do mundo, em pequeninos pedaços, para que qualquer pardal, que n'ella queira bicar, não tenha a desconsolação de ficar entalado.

Explica-te, pois, *Santa Rita*.

Logogrifo

I

A minha caixa com roupa—7, 4, 5, 4
Que este animal conduzia—8, 3, 6, 2
N'uma cova mui profunda—4, 4, 5, 5, 4
Lá foi cahir com o guia.

Conceito

E' insecto mui bonito
E por nós bem conhecido
Que anda á noite p'lo matto
Deitando um lume fingido.

Espanta-cacetes.

Logogrifo

2.º

E com esta lamentação 1, 2, 8, 9, 4, 3
Não serei bemaventurado 6, 8, 9, 7, 3
Somente com este algarismo 10, 2, 11, 6
Serei o verbo desejado 5, 6, 7, 8, 2.

Conceito

Para esta decifração
Não precisa matutar
Que a palavra conhecida
E' hoje muito vulgar.

Espanta-cacetes.

Logogrifo

(Off. ao meu intimo amigo Manuel de Bastos Amorim)

E' difficil d'encontrar,—9, 2, 3, 10.
Mas pertence ao lavrador;—5, 8, 3, 2.
Tambem se vê na Igreja—3, 10, 6, 10.
E é muito cantador.—9, 2, 6, 6, 10.

Firma e tambem agarra—7, 6, 10.
E' uma ave innocentinha;—3, 10, 6, 2.
Vél-a-hás á beira-mar—2, 9, 5, 8, 2.
Fabricando a farinha.—4, 10, 6, 5, 8, 3, 10.

Quem m'o déra já aqui,—1, 7, 6.
E' fructo tão saboroso;—6, 8, 4, 2.
Que florinha tão mimosa!—6, 8, 3, 8, 10.
E que nome tão saudoso!—6, 2, 9.

Muita gente de mim usa
E tem-me em estimação,
Dou fructo e tambem castigo
Lá em certa occasião.

M. A. S.

Enygma

Vilão, rebelde espirito, insolente
E microbio fatal da sociedade,
Se não fora por tua vã beldade
Estaria o mal dos homens sempre ausente.

Vens de galas, e assim muito demente
Por tua belleza fica a humanidade;
Agradas-lhe, mas logo a realidade
Ao seu espirito nasce bem patente.

Tão bonito appareces e tão terno,
(Com duas caras, como a gente diz),
Que os effeitos teus são de amor materno.

Nada mais és do que um terrivel X
Que é tudo podridão, ou um inferno
E nos versos pronunciar-te não quiz.

Bohemio.

A GREVE



Entre grévistas—O' socio: Tu já reparaste como os catholicos se explicaram com os bagos cá p'ros grévistas?

—Já! E isto veio tirar-me cá umas duvidas—aqui para nós que ninguem nos ouve: temos sido explorados pelos eutros até nas ocasiões da fome! Vê lá o barulho que se fez com o bando pescatorio da imprensa para arranjarem, relativamente menos, que os catholicos só n'um salão,

—E' verdade! Agora acredito na caridade!

17798